

## Holbach e o *examen* das provas da existência de deus

*Holbach and the examen of evidence of the existence of God*

Marcelo de Sant’Anna Alves Primo\*

**Resumo:** No capítulo V da segunda parte de seu *Système de la nature*, Holbach passa em revista as supostas provas da existência de uma divindade empreendidas pelos filósofos modernos, em particular Descartes, Malebranche e Newton. Afirmando que esses autores mais se preocuparam em falar sobre deus do que demonstrá-lo efetivamente, o pensador francês expõe dificuldades argumentativas quando examina as teses de cada um, chegando à conclusão de que eles acabaram por enfraquecer as suas respectivas provas ao invés de fortalecê-las.

**Palavras-Chave:** Holbach; demonstração; *examen*; deus.

**Abstract:** In Chapter V of the second part of his *Système de la nature*, Holbach reviews the alleged evidence of a deity undertaken by modern philosophers, particularly Descartes, Malebranche and Newton. Stating that these more authors bother to talk about god to demonstrate it effectively, the French thinker exposes argumentative difficulties when examining the arguments of each, coming to the conclusion that they eventually weaken their respective evidence rather than fortify them.

**Keywords:** Holbach, demonstration, *examen*, god.

“La nature n’est point une ouvrage.”  
Holbach, *Système de la nature*, II,v.

Em uma passagem de sua *Continuation des Pensées diverses*, Pierre Bayle afirma que somente falarem que um deus é conhecido de todos é insuficiente para se provar a existência de um ser ou artífice divino criador de todas as coisas e possuidor de plena liberdade para intervir no curso da natureza. Àqueles que pretendem ir mais além da opinião tradicional que se limita em fiar a uma palavra sem ao menos examinar seu conteúdo, Bayle não hesita em apontar o empecilho de tal tarefa, pois “não basta somente saber que há um deus. Antes, é preciso determinar o sentido dessa palavra e associar-lhe uma ideia. É preciso, digo, buscar qual é a natureza de deus e é aí onde começa toda a dificuldade”.<sup>1</sup> Tal constatação será a diretriz das reflexões do presente

---

\* Professor colaborador do PPGF/UFS e do DFL/UFS. Bolsista PNPd-CAPES/UFS. Aracaju – SE, Brasil. Contato: [marceloprino\\_sp@hotmail.com](mailto:marceloprino_sp@hotmail.com)

<sup>1</sup> BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*, III, p. 214 e *Continuation des pensées diverses*, §20.

trabalho: em seu *examen* das provas da existência de deus, Holbach seguirá a pista de Bayle, passando em revista as opiniões de alguns autores a esse respeito e levantando algumas questões limítrofes acerca de determinados argumentos propostos em particular por Descartes, Malebranche e Newton. Segundo Gianluca Mori, “após Descartes, o que muda é o ponto de vista pelo qual é considerada a existência divina, o que não deixa de ter consequências importantes sobre a questão do ateísmo e a sua definição”.<sup>2</sup> Para Holbach, à medida que homens esclarecidos mais tergiversaram e menos explicaram a respeito de um assunto que unanimemente consideraram o mais importante, iludiram-se com uma hipotética necessidade de se ocuparem com objetos inalcançáveis aos sentidos cujo conhecimento imediato é impossível ao intelecto. Nesse panorama, a única coisa que fazem é falar “incessantemente de deus, e jamais ninguém conseguiu até aqui demonstrar a sua existência. Os gênios mais sublimes foram forçados a encaixar nesse recife”.<sup>3</sup>

O primeiro autor que Holbach submete a alguns questionamentos, de maneira breve, é Descartes, “o restaurador da filosofia entre nós”.<sup>4</sup> Com o intuito de mostrar o quão destituídos de solidez são os argumentos que os filósofos modernos continuamente imaginaram para estabelecer a prova da existência de deus, Holbach cita uma passagem da parte III das *Meditações Metafísicas* de Descartes. Mas, para este, o que significava a palavra deus?

Entendo pelo nome de deus certa substância infinita, independente, eterna, imutável, sumamente inteligente e sumamente poderosa e pela qual eu mesmo fui criado e tudo o mais existente, se existe alguma outra coisa. Todas essas coisas são tais que, quanto mais cuidadosamente lhes presto atenção, tanto menos parece que elas possam provir somente de mim. Por isso, do que foi dito deve-se concluir que deus existe necessariamente.<sup>5</sup>

Segundo Descartes, só é possível pensar a ideia de deus como infinita e deduzir que a sua existência é verdadeira, quando se concebe que todas as coisas existentes não podem ter sido derivadas unicamente de seres imperfeitos e finitos, como o homem.

---

<sup>2</sup> MORI, Gianluca. *Athéisme et Lumières radicales: état de la question*, p. 264. Contudo, Pierre Naville critica uma certa imodéstia de Descartes e de seus seguidores quando acreditou ter provado a existência de um deus matematicamente, por meio da razão: “Descartes, sempre venerado em alta conta porque acreditou provar a sua própria existência sobre seu próprio pensamento, sustentado por muitos outros e mais dogmaticamente” (*D’Holbach et la philosophie scientifique au XVIII<sup>e</sup> siècle*, p. 228).

<sup>3</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e moral*, II, p. 573 [p.136] (indicamos em colchetes a paginação da versão francesa).

<sup>4</sup> *Ibid.*

<sup>5</sup> DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*, III, p. 45.

Mais do que isso, a crença na percepção do infinito se dá através de uma ideia verdadeira, e não pela negação do finito, como se percebe, por exemplo, o repouso e a escuridão pela negação do movimento e da luz. Comparativamente, Descartes afirma que “há muito mais realidade na substância infinita do que na finita e, por conseguinte, que a percepção do infinito é, de certo modo, em mim, anterior à percepção do finito”. Em outros termos, Descartes afirma que a percepção de deus é anterior à própria percepção humana, pois seria a única razão plausível de quando o homem dá conta de que duvida, deseja, que é carente de algo, que não é perfeito uma vez ausente em si mesmo a ideia de um ente dotado de mais perfeição. Mas, agora, vamos à passagem das *Meditações* que Holbach cita para chegar ao âmago da questão:

E toda a força do argumento consiste em que reconheço ser impossível a existência de uma natureza tal qual eu sou, isto é, possuidora da ideia de deus em mim, a menos que deus ele mesmo também exista. Deus, digo, aquele mesmo cuja ideia está em mim, isto é, o detentor de todas aquelas perfeições que não posso compreender, mas que, de algum modo, posso atingir pelo pensamento, o qual não está sujeito a nenhum defeito e não tem nenhuma de todas as coisas que são a marca de alguma imperfeição.<sup>6</sup>

Ora, daqui Holbach elenca três argumentos para tentar mostrar os limites de se tentar demonstrar a existência de um deus unicamente pelo fato da existência do homem e pela suposição de que a ideia de um ser perfeito lhe foi impressa divinamente: 1) Descartes não teria o direito de chegar à conclusão de que algum ser dessa estirpe existe somente pelo fato de se ter a ideia desse suposto ser. A imaginação pode nos proporcionar a ideia de uma esfinge ou de um hipogrifo<sup>7</sup> sem que por isso se possa inferir que esses seres existam realmente;<sup>8</sup> 2) é impossível a Descartes ter uma ideia positiva e verdadeira do deus que, como os teólogos, ele quer provar a existência, pois não há como homem algum ou qualquer ser material “formar uma ideia real de um espírito, de uma substância privada de extensão, de um ser incorporeal, agindo sobre a natureza que é

---

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 52.

<sup>7</sup> Animal mitológico representado com asas, garras e cabeça de um grifo e corpo e patas traseiras iguais às de um cavalo.

<sup>8</sup> Descartes afirma na III meditação: “Mas, entre essas ideias, algumas me parecem inatas, outras, adventícias, outras, inventadas por mim mesmo. Pois que eu entenda o que é coisa, verdade, pensamento, não o parece que eu o tenha obtido de alhures senão de minha própria natureza. Mas, agora, que eu ouça um ruído, veja o sol, sinta o fogo, julguei até agora que isso procedesse de certas coisas postas fora de mim. Finalmente, sereias, hipogrifos e congêneres são de minha invenção. Ou, talvez, eu também as possa supor ou todas adventícias ou todas inatas ou todas inventadas, pois ainda não percebi claramente a sua verdadeira origem” (p. 38).

corpórea e material”;<sup>9</sup> 3) à esteira do argumento anterior, Holbach insiste na impossibilidade do homem ter alguma ideia positiva dos atributos concedidos pela teologia a uma divindade.<sup>10</sup> Levantando todas essas questões, Holbach afirma que as provas cartesianas da existência de deus podem ser qualquer coisa, menos conclusivas. Fazendo desse deus um pensamento ou uma inteligência, seria possível sem um sujeito ao qual tal denominação possa ser atribuída? Descartes, por um lado, entende que só se pode conhecer deus como uma virtude que se aplica continuamente às partes do universo, e por outro, diz que um deus não pode ser dito por extenso, a não ser como quando se diz do fogo contido em um pedaço de ferro que não tem outra extensão além da do próprio ferro.<sup>11</sup> Holbach aí entende que Descartes é digno de censura por “não anunciar que não existe outro deus além da natureza, o que é um puro *espinosismo*. Com efeito, sabemos que foi nos princípios de Descartes que Spinoza foi buscar o seu sistema, que decorre necessariamente de Descartes”.<sup>12</sup> Segundo Holbach, aí está a razão de Descartes ser acusado de ateu, já que ele fulmina radicalmente as suas provas da existência de deus, devido a seu sistema subverter a noção de criação<sup>13</sup>. Antes mesmo de deus ter criado a matéria, ele não podia coexistir nem ser coextenso com ela e, nesse caso, para Descartes não havia deus algum – uma vez retirado o sujeito das modificações, essas conseqüentemente deveriam desaparecer.<sup>14</sup> Assim, Holbach desdobra essa questão em outras três: 1) se deus é equivalente à natureza, os cartesianos são spinozistas; 2) se deus é o motor da natureza, ele não existe mais *per se*, e sim enquanto subsiste o sujeito ao qual ele é inerente, ou seja, a natureza da qual ele é o *leitmotiv*; 3) sem matéria ou sujeito para serem movidos, produzidos ou conservados, deus ficará sem um mundo para que possa agir. De todas essas considerações, Holbach conclui: “Vê-se, portanto, que Descartes, longe de estabelecer solidamente a existência de um deus, a destrói totalmente”.

Nicolas Malebranche será o próximo a passar sob o crivo do *examen* empreendido por Holbach. Nos princípios do “célebre padre [...] encontramos as mesmas conseqüências e contradições [...] que – considerados com a mais superficial

<sup>9</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 574 [p.137].

<sup>10</sup> Cf. o capítulo anterior, no qual Holbach refuta Samuel Clarke com os mesmos argumentos.

<sup>11</sup> Cf. DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*, III, p. 41.

<sup>12</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 575 [p. 138].

<sup>13</sup> Para Joceval Andrade Bitencourt, “não é à toa que grande parte dos intérpretes de Descartes acabam por reconhecer que sua filosofia, ao afirmar o deus da razão e ao enfraquecer o deus da fê, acabou por instaurar, mesmo que não tenha sido essa a sua intenção original, o ateísmo no mundo ocidental” (*Descartes e a morte de deus*, p. 467).

<sup>14</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 576 [p.139].

atenção – parecem conduzir diretamente ao espinosismo”.<sup>15</sup> Para Holbach, o que está em maior consonância com o vocabulário de Spinoza é que o universo é uma emanção de deus, que tudo que se vê é unicamente deus, que ele é o que fez e faz todas as coisas, que é ele a ação em si e tudo o que existe na natureza, resumindo, que é deus o todo e o único ser.<sup>16</sup> Isso poderia significar uma releitura da fórmula spinozista do *deus sive natura*, e Malebranche iria mais além afirmando que a demonstração acerca da existência da matéria e dos corpos ainda não é sólida e que só a fé pode auxiliar o homem nesses “mistérios”. Vamos dar a palavra ao próprio Malebranche: “Certamente somente a fé pode nos convencer de que há efetivamente corpos. Somente podemos ter demonstração exata da existência de outro ser, quando se trata de um ser necessário”.<sup>17</sup> Ora, aqui, para Holbach, o problema se configura da seguinte maneira: baseando-se nessa afirmação do padre francês, não haveria possibilidade de demonstrar a existência de um deus que criou a matéria, já que a própria existência dessa matéria ainda é uma incógnita. O reconhecimento da parte de Malebranche, de não ser possível se chegar a uma demonstração sólida da existência de algum outro ser além daquele que é necessário, dá margem a Holbach fazer uma segunda crítica, a saber, que crer na existência de deus não garante a sua demonstrabilidade, mesmo examinando a questão mais acuradamente. Recorramos novamente às palavras do padre:

E, se examinarmos de perto, veremos claramente que nem mesmo é possível conhecer, com uma inteira evidência, se Deus é ou não verdadeiramente criador do mundo material ou sensível. Pois uma tal evidência encontra-se somente nas relações necessárias, e não há relação necessária entre deus e um tal mundo. Ele poderia não o ter criado e, se o fez, é porque quis, e quis livremente.<sup>18</sup>

Quando Holbach examina esse argumento de Malebranche, a primeira coisa que constata é que a única e frágil garantia da existência de deus seria a fé, já que se limita somente à suposição de tal existência, diante da impossibilidade de prova-la clara e evidentemente.<sup>19</sup> Um segundo aspecto abordado por Holbach é que as noções do “célebre padre” desfiguram todos os dogmas da teologia, já que impossibilita conciliar a liberdade do homem com a ideia de um deus que é o regente de toda a natureza, que move a matéria e os corpos, por livre vontade, predeterminando as ações de todos os

---

<sup>15</sup> *Ibid.*

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 577. Ver, em Spinoza, *Ética*, I, proposições 15-17 e II, proposições 1-3.

<sup>17</sup> MALEBRANCHE, Nicolas. *A busca da verdade*, Esclarecimento VI, p. 277.

<sup>18</sup> *Ibid.*, pp. 277-278.

<sup>19</sup> Sobre a distinção entre fé e conhecimento, ver Malebranche, *A busca da verdade*, I, iii.

seres.<sup>20</sup> Por aí, torna-se inconcebível sustentar que as almas detenham a faculdade de constituir pensamentos e vontades e de se mover e modificar a si mesmas. E, supondo que a conservação das criaturas é uma criação sucessiva, seria deus que, conservando-as, as colocaria em condições de cometer o mal. *Ergo*, Holbach afirma que no sistema de Malebranche, deus tudo faz e torna as suas criaturas seus instrumentos subservientes, “seus pecados, assim como as virtudes, são dele; os homens não podem ter mérito nem demérito, o que aniquila toda a religião. É assim que a teologia está perpetuamente ocupada em destruir a si própria”.<sup>21</sup>

De Malebranche, Holbach passa a tecer algumas considerações sobre Isaac Newton, em particular algumas passagens do III livro dos *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, nas quais Newton admite a existência de um grande artífice criador e ordenador de toda a natureza. É sabido que os *Principia*<sup>22</sup> tornaram-se um sustentáculo perene das ciências naturais, como um projeto para o porvir e com toda a perfeição alcançável de uma ciência particular,<sup>23</sup> reunindo por completo as duas grandes correntes metodológicas da ciência moderna, a saber, a matematização e a experiência, unificando o empirismo de Francis Bacon e o racionalismo de Descartes. Mais do que isso, Newton avançou em relação à Kepler e Galileu, pois estes já tinham empreendido a unificação das metodologias supracitadas, porém, aplicaram-na a escassos casos particulares, ao passo que Newton estendeu a legalidade rigorosa observada nos fenômenos particulares a todo o universo. A obra do pensador britânico tentou cumprir essa tarefa, o que fez com que fosse admirado e compreendido pelos filósofos e cientistas do século XVIII, uma vez que foi constatado o escopo profundo de seu labor científico, vendo nele a verificação do rumo a ser tomado pelas ciências naturais, principalmente na física e na mecânica celestes. Contudo, nos seus últimos anos de vida, Newton não deu mais nenhuma contribuição importante para a história das ciências. Dedicou-se a assuntos teológicos, chegando mesmo a considerar esses temas mais dignos de consideração do que a física e a matemática.<sup>24</sup> Holbach está plenamente consciente do legado científico newtoniano e da profunda influência exercida por Newton na concepção de ciência em voga nas *Lumières*. Da mesma forma, leva em

<sup>20</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 577.

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 578 [p. 140].

<sup>22</sup> Os dois primeiros livros dos *Principia* foram apresentados por Newton à Royal Society em 1685 e a primeira edição data de 1687.

<sup>23</sup> Ver mais detalhes na curadoria de Hugh Matthew Lacey, no volume *Newton* da Coleção “Os Pensadores”, São Paulo: Nova Cultural, 2005.

<sup>24</sup> Ver suas *Observações sobre as profecias de Daniel e do Apocalipse de São João* publicadas em 1733.

consideração as concepções de espaço e do tempo absoluto de Newton. Apesar de sua configuração metafísica, em relação à investigação dos fenômenos naturais, o pensador britânico repudiara toda e qualquer noção de ordem religiosa. Mas é justamente aí que se situa o impasse para o Barão: se às investigações naturais eram dispensáveis algum aparato teológico para fundamentá-las, qual a necessidade de se conceber um artífice que garanta a veracidade e a legitimidade de tais investigações? Nesse sentido, Holbach agora verá se “o imortal Newton nos apresentará ideias mais verdadeiras e provas mais seguras da existência de deus”.<sup>25</sup>

Holbach afirma que o gênio de Newton foi capaz de decifrar os códigos da natureza e de suas leis, contudo, se desviou do caminho da ciência quando as perdeu de vista, devido a ainda estar atado aos seus preconceitos da infância, não tendo a audácia de desobstruir o caminho daqueles que ainda entendiam que a natureza era organizada e submetida aos fins que uma divindade teria estabelecido. Segundo o Barão, Newton poderia buscar em si mesmo as forças para produzir todos os fenômenos que ele tinha explicado rigorosamente. Assim, a respeito desse acidente de percurso, Holbach assevera que “em poucas palavras, o sublime Newton não passa de uma criança quando ele abandona a física e a evidência para se perder nas regiões imaginárias da teologia”.<sup>26</sup> Vejamos a passagem dos *Principia* na qual Newton mostra o que ele entende por divindade:

Esse deus governa tudo não como a alma do mundo, mas como o senhor e o soberano de todas as coisas. É por causa da sua soberania que o senhor deus é chamado de *Pantocrator*, o imperador universal. Com efeito, a palavra *deus* é relativa e se refere aos escravos. A deidade é a dominação ou soberania de deus não sobre o seu próprio corpo, como pensam aqueles que consideram deus como a alma do mundo, mas sobre escravos.<sup>27</sup>

Para Holbach, é por aí que Newton à esteira dos teólogos, mostra o seu deus como um espírito puro que governa o universo, descrito como um déspota ou um suserano detentor de todo o poder, cujo regime tem como modelo o que os reis terrenos exercem

---

<sup>25</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 578 [p. 141]. Ver, em contrapartida, o comentário de Voltaire no verbete “Ateu, ateísmo” de seu *Dicionário filosófico*, louvando que Newton tenha visto a necessidade da existência de um deus que estabeleça fins para o curso da natureza, dizendo mesmo que quem assim o faz, é um filósofo autêntico (!): “Alguns geômetras que não eram filósofos rejeitaram as causas finais, mas os *filósofos autênticos* admitem-nas; e como disse um autor conhecido, um catequista anuncia deus às crianças e Newton demonstra a sua existência aos sábios” (VOLTAIRE, *Dicionário filosófico*, p. 112., grifo nosso).

<sup>26</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 578 [p. 141].

<sup>27</sup> Citado por HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 504. Holbach não cita a edição que ele utilizou dos *Principia*. Nós utilizaremos uma tradução inglesa de 1846.

sobre os seus súditos transformados em escravos, aos quais corriqueiramente não hesitam em fazê-los sentir na carne o ônus de sua autoridade. Pintado dessa maneira, esse deus é um homem que tem a regalia de ser bom quando lhe convém ou desequilibrado e cruel quando a sua imaginação o leva a fazê-lo. Todavia, seguindo o raciocínio de Newton, “como o mundo não existiu por toda a eternidade, como os *escravos* de deus foram formados no tempo, é forçoso concluir daí que antes da criação do mundo o deus de Newton era um soberano sem súditos e sem Estados”.<sup>28</sup> Continuando a sua reflexão, Holbach indaga agora se Newton concorda melhor consigo próprio nas ideias conseguintes que ele forneceu de seu déspota endeusado. Segundo Newton:

O deus supremo é um ser eterno e infinito, absolutamente perfeito. Porém, por mais perfeito que seja um ser, se ele não tem soberania, ele não é o deus supremo [...] A palavra deus significa senhor; mas nem todo senhor é deus; é a soberania do ser espiritual que constitui deus, é a verdadeira soberania que constitui o verdadeiro deus, é a soberania suprema que constitui o deus supremo, é a soberania falsa que constitui o falso deus. Da soberania verdadeira, deduz-se que o verdadeiro deus é vivo, inteligente e poderoso e, das suas outras perfeições, deduz-se que ele é supremo ou soberanamente perfeito. Ele é eterno, infinito, ele sabe tudo. Quer dizer que ele dura por toda a eternidade, e não terminará jamais; ele governa tudo e sabe tudo aquilo que se faz ou pode ser feito. Ele não é eternidade nem a infinitude, mas é eterno e infinito. Ele não é o espaço ou a duração, mas dura e está presente.<sup>29</sup>

Analisando todo esse trecho, Holbach, a despeito de toda ininteligibilidade empregada por Newton para tentar definir o que seja deus, não vê mais do que a atribuição de qualidades humanas a esse suposto ser existente. É possível ver também algumas qualidades negativas não atribuíveis a homens comuns, mas mais condizentes a um rei. De qualquer forma, é notória a necessidade que uma divindade suprema tem de possuir um reino na terra para fazer valer a sua soberania, caso contrário, de nada serviria a sua realeza. Holbach questiona sobre em quem deus mandava quando nada existia, indagando acerca da legitimidade de seu império celestial quando todos lutam incansavelmente contra ele; perguntando se será mesmo esse monarca espiritual que governa as almas, as paixões e as vontades dos súditos e, devido à sua infinitude, se ocupa mesmo todos os espaços e se os governa mesmo diante de homens pecadores

<sup>28</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 579 [p. 142].

<sup>29</sup> NEWTON, Isaac. *Mathematical principles of natural philosophy*, III, p. 504-505.

quando o ofendem; se a onipresença divina não é, na verdade, cúmplice de tudo que é blasfêmia contra a sua autoridade; e se ele preenche tudo, ele possui uma extensão, corresponderá aos vários pontos do espaço e, logo, deixaria de ser espiritual.<sup>30</sup> E quando Newton afirma a unidade de deus, sendo este “o mesmo para sempre e em toda parte não somente por sua virtude ou sua energia, mas também por sua substância”,<sup>31</sup> Holbach levanta uma série de questões: 1) se um ser que age sobre os seres produzindo todas as suas modificações poderia sempre ser o mesmo; 2) o que, na verdade, se entende por virtude ou energia divinas e o que se tais termos podem fornecer ideias claras ao intelecto; 3) o que é uma substância divina e se essa substância quando é definida como sem extensão e espiritual, como pode estar em toda parte; 4) como ela pode fazer a matéria agir e como pode ser concebida.<sup>32</sup>

Holbach chega ao ponto nevrálgico de toda a sua reflexão sobre as provas da existência de deus de Newton, quando se questiona acerca da *necessidade* dessa existência. Vejamos essa passagem extraída dos *Principia* pelo Barão:

É uma verdade incontestável que deus existe necessariamente, e a mesma necessidade faz que ele exista sempre e em toda parte: de onde se segue que ele é em tudo semelhante a si mesmo. Ele é todos os olhos, todos os ouvidos, todo cérebro, todos os braços, todo o sentimento, toda a inteligência e toda a ação, mas de forma alguma humana, de forma alguma corporal, e que nos é totalmente desconhecida. Do mesmo modo que o cego não tem ideia das cores, é assim que nós não temos ideia das maneiras como deus sente e entende.<sup>33</sup>

Se a existência necessária de deus é justamente o que está sendo colocado em questão, era ela que Newton deveria ter provado através de demonstrações tão evidentes e sólidas como ele deu da gravidade e da atração. Se tal empreitada fosse possível, o gênio inquestionável de Newton teria conseguido dar cabo dela. Mas Holbach se espanta em ver como o pensador britânico desconheceu que, no terreno nebuloso da teologia, deus não pode ser calculado nem ser submetido à experiência. Desconsiderando a sua inteligência que trabalhava para desvendar as causas dos

---

<sup>30</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 580-581.

<sup>31</sup> NEWTON, Isaac. *Mathematical principles of natural philosophy*, III, p. 505.

<sup>32</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 581. Todavia, Newton afirma que “todas as coisas estão contidas nele e se movem nele, mas sem ação recíproca. Deus nada experimenta da parte dos movimentos dos corpos; estes não experimentam nenhuma resistência da parte de sua presença em todos os lugares” (III, p. 505). Para Holbach, “Newton confere à divindade algumas características que não convêm senão ao vazio e ao nada. Sem isso, nós não podemos conceber que não possa haver uma ação recíproca ou relações entre substâncias que se penetram, que se rodeiam por todas as partes” (*Op. Cit.*, p. 582 [p. 144]).

<sup>33</sup> NEWTON, Isaac. *Mathematical principles of natural philosophy*, III, p. 505-506.

fenômenos naturais, Newton transitou da natureza aos lugares imaginários visando a buscar causas, forças, uma força motriz que a própria natureza manifestar-lhe-ia por si própria. Mesmo já constatada a falta de coragem ou a cegueira voluntária de um autor que foi o divisor de águas da ciência moderna, Holbach ainda quer “examinar até onde o gênio do homem é capaz de se desencaminhar, quando ele abandona uma vez a experiência e a razão para se deixar arrastar por sua imaginação”.<sup>34</sup>

O *examen* empreendido por Holbach chega à questão das causas finais, intentando investigar se a natureza deve a sua ordem a um artífice divino ou se é autossuficiente, gerando-se e arranjando-se por si mesma. Newton assevera nos *Principia* que somente “conhecemos deus pelos seus atributos, pelas suas propriedades, pelo arranjo excelente e sábio que ele deu a todas as coisas e por suas *causas finais*. E nós o admiramos por causa de suas perfeições”.<sup>35</sup> Holbach enfatiza que só é possível conhecer deus pelos atributos tirados do próprio homem, mas é notório que eles não podem ser associados a um ser universal, que não tem a mesma natureza nem as mesmas propriedades dos seres particulares. O homem concede à divindade a inteligência, a sabedoria, a perfeição, não levando em conta os seus próprios defeitos. No que concerne ao arranjo da natureza, ele só é tido como perfeito quando ele conspira a favor daquele que o fundamenta em um deus. Quando isso não ocorre, as causas finais somem como um passe de mágica, entendendo que um ser superior as colocou de lado movido pela vontade de desarranjar a sua bela ordem. Dessa maneira, é através do modo de sentir do homem que ele busca as noções e atributos sempre consignados a um deus, ao passo que os bens e o males que lhe ocorrem nesse mundo são conseqüências necessárias da essência das coisas e das leis gerais da matéria. O Barão reconhece que Newton entendeu tais conseqüências em relação às leis físicas, “mas ele não mais ousou aplicar a partir do momento que entrou em questão o fantasma a quem o preconceito faz atribuir todos os efeitos dos quais a natureza é ela própria a verdadeira causa”.<sup>36</sup>

Na última etapa da crítica de Holbach às provas da existência de deus de Newton, virá à tona a oposição entre as duas concepções de natureza em ambos os autores. O Barão cita uma passagem fundamental dos *Principia*, na qual Newton não concebe que a natureza seja uma força cega, que destitua de significado a soberania e a providência divinas. O pensador britânico afirma que:

<sup>34</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 583.

<sup>35</sup> NEWTON, Isaac. *Mathematical principles of natural philosophy*, III, p. 506, grifos de Holbach quando faz a citação no seu *Sistema*.

<sup>36</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 585 [p. 148].

Nós reverenciamos e adoramos deus por causa da sua soberania: nós lhe prestamos um culto como seus escravos. Um deus destituído de soberania, de providência e de causas finais nada mais seria que a natureza e o destino. De uma necessidade física e cega que estaria em toda a parte e sempre a mesma, não poderia sair nenhuma variedade dos seres; a diversidade que nós vemos só pode ser proveniente das ideias e da vontade de um ser que existe necessariamente.<sup>37</sup>

Em primeiro lugar, Holbach concorda com Newton que os homens reverenciam seus deuses como lacaios desarrazoados, petrificados de temor diante de um senhor desconhecido. Orações e louvores sucessivamente lhe são endereçados por mais que esse ser seja pintado como imutável, ser que, na verdade, é somente “a natureza agindo através de leis necessárias, a necessidade personificada ou o destino a quem deram o nome de deus”.<sup>38</sup> Em segundo lugar, o Barão questiona porque a diversidade da natureza não seria advinda das causas naturais, de uma matéria que age por si própria e que o movimento relaciona e combina seus vários elementos, porém, análogos, ou separa outros com o auxílio de substâncias que não são adequadas para se unirem. Em terceiro lugar, no que tange à necessidade cega da natureza, é a necessidade da qual se ignora a energia ou da qual, o próprio homem estando cego, não pode conhecer a maneira de agir. Holbach ironiza, mas nas entrelinhas, subentende que a física, ciência de investigação da natureza por excelência, é – ou deveria ser – eminentemente atea. Assim, se os físicos têm como fundamento de suas explicações as propriedades da matéria, quando não podem explicar os fenômenos da natureza quando lhes é desconhecida a causa desses eventos, nem por isso eles creem “que deixem de ser dedutíveis dessas propriedades ou dessas causas. Nisso, portanto, os físicos são ateus? Sem isso, eles responderiam que deus é o autor de todos esses fenômenos”.<sup>39</sup>

À guisa de conclusão, de toda essa reflexão Holbach depreende que aos homens não sobraram muitas opções devido a não conhecerem a natureza e os seus caminhos. Por isso, tiveram de imaginar uma energia que nomearam de deus, e tal nome o fez agirem através dos mesmos princípios que são os móveis de suas próprias ações, ou conforme aos quais eles agiriam se fossem responsáveis por isso. Assim, “é dessa *teantropia*<sup>40</sup> que decorrem as ideias absurdas e muitas vezes perigosas nas quais estão fundamentadas todas as religiões do mundo, que adoram todas em seu deus um homem

---

<sup>37</sup> NEWTON, Isaac. *Mathematical principles of natural philosophy*, III, p. 506.

<sup>38</sup> HOLBACH, Paul-Henri Thiry. *Op. Cit.*, p. 586 [p. 148].

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 586 [p. 149].

<sup>40</sup> Parte da teologia que estuda deus feito homem.

poderoso e perverso”.<sup>41</sup> O homem, que se considera a criatura predileta de uma divindade é, mais do que todas as outras criaturas, aquela que prova a impotência ou malícia do seu suposto criador. Definido como um ser sensível, dotado de inteligência e de pensamento, sempre acreditando que é a produção mais privilegiada de um ser celeste, imaginando-o a partir da imagem de si mesmo, somente é uma máquina um pouco acima dos outros seres, “mais móvel, mais débil, mais sujeita a se desarranjar, pela sua grande complicação, que dos seres mais grosseiros”.<sup>42</sup> Holbach afirma que os animais destituídos de conhecimento, as plantas e as pedras são, de diversas maneiras, muito mais privilegiados do que o homem, principalmente por não pensarem e não sentirem. Holbach chega a elevar uma massa inanimada acima de um supersticioso afetado, já que esse leva toda a sua vida temendo seu deus aqui e agora e enlouquecendo com castigos infundáveis em uma incerta vida *post mortem*. Todo e qualquer ser privado de sensação, de memória e de pensamento não tem a sua existência perturbada pelas ideias de presente, passado e futuro, não se culpa por ter raciocinado inadequadamente como aqueles que entendem que o universo foi criado para satisfazer as suas vontades. Assim, fica impossível dizer que não “podemos ter a ideia de uma obra sem ter a de um artífice distinto de sua obra. *A natureza não é uma obra*: ela sempre existiu por si mesma, é no seu seio que tudo se faz”.<sup>43</sup>

### Referências Bibliográficas

BAYLE, Pierre. *Œuvres diverses*. La Haye: Compagnie des Librairies, 1737, 4 tomes [Paris: Hachette BnF, 2012.]

\_\_\_\_\_. *Continuation des pensées diverses, écrites a un Docteur de Sorbonne, à l'occasion de la Comète qui parut au mois de Décembre de 1680 ou Réponse a plusieurs difficultez que Monsieur \*\*\* a proposées à l'Auteur*. Amsterdam: Herman Uytwerf, tome II, s.d.p. (versão fac-símile)

BITENCOURT, Joceval Andrade. *Descartes e a morte de deus*. São Paulo: Paulus, 2015.

DESCARTES, René. *Meditações sobre filosofia primeira*. Trad. de Fausto Castilho. Coleção “Multilingües de Filosofia UNICAMP”. Campinas: UNICAMP, 2004.

---

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 587 [p. 150].

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 590 [p. 153].

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 590 [pp.153-154].

HOLBACH, Paul-Henri Thiry. (Barão de.) *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e moral*. Trad. de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *Système de la nature ou des lois du monde physique et du monde moral par Mirabaud, avec un discours préliminaire par Naigeon*. Genève: Slatkine Reprints, 2011.

MALEBRANCHE, Nicolas. *A busca da verdade* [textos escolhidos]. Trad. de Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Paulus/Discurso Editorial, 2004.

MORI, Gianluca. “Athéisme et Lumières radicales: état de la question”, in: BOVE, Laurent; DAGRON, Tristan; SECRETAN, Catherine (org.) *Qu’est-ce que les Lumières “radicales”?*: Libertinage, athéisme et spinozisme dans le tournant philosophique de l’âge classique. Paris: Éditions Amsterdam, 2007.

NAVILLE, Pierre. *D’Holbach et la philosophie scientifique au XVIII<sup>e</sup> siècle*. Paris: NRF, 1967.

NEWTON, Isaac. *Mathematical principles of natural philosophy*. Translated into English by Andrew Motte. New York: Daniel Adee, 1846 [versão fac-símile].

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia natural / Óptica / O peso e o equilíbrio dos fluidos*. Trad. de Carlos Lopes de Mattos, Pablo Ruben Mariconda *et alli*. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

VOLTAIRE, François-Marie Arouet. *Dicionário filosófico*. Trad. de Bruno da Ponte, João Lopes Alves *et alli*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Recebido em: 29/04/2017 – Received in: 04/29/2017

Aprovado em: 28/06/2017 – Approved in: 06/28/2017